

O LUGAR DA MORAL NO PROJETO DE REFORMA DO SABER DE ROGÉRIO BACON

Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen^{1*}

Profa. Ms. Raphaela Cândido Lacerda^{2*}

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar em linhas gerais o pensamento de Rogério Bacon sobre a moral a partir da leitura da Filosofia Moral, sétima parte da sua obra principal *Opus maius*, como forma de divulgar o pensamento do filósofo tão pouco estudado no Brasil, e trazer para uma reflexão atual questionamentos levantados por ele no que se refere ao lugar da moral no saber e à necessidade de uma reforma moral como condição de possibilidade para a felicidade do homem, esta entendida e defendida por ele como a finalidade da vida.

Abstract: The objective of this article is to present, in general terms, Roger Bacon's thoughts on Moral Philosophy based on the seventh part of his main literary work *Opus maius*. The aim of this study is the promotion of the thoughts of this philosopher who is not well known in Brazil, and also of an analysis of the concepts he raises about the relation of where theology connects the knowledge as well as the necessity of a theological reform as a way of bringing opportunities to mankind in terms of happiness, which he feels is fundamental in defending life's purpose.

1. Introdução

Como ponto de partida, julgamos ser imprescindível uma breve apresentação do filósofo a fim de contextualizá-lo no cenário intelectual do seu século. Rogério Bacon foi um homem que vivendo no século XIII e, bebendo na fonte de pensadores antigos e daqueles a ele contemporâneos, foi capaz de fazer uma leitura do seu tempo, além de identificar causas que, segundo ele, eram ameaças à sociedade, à Igreja e ao saber propor, uma reforma inovadora capaz de promover uma reestruturação nos estudos que conduzisse à formação de um novo

¹ Professor do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE e da Faculdade Católica de Fortaleza. Doutor em Filosofia Medieval pela PUC-RS e Lion. Docente em Filosofia Antiga pela UECE.

² Mestranda do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará

homem. Aluno das grandes academias européias do período: Oxford e Paris, Rogério Bacon é herdeiro de uma tradição empirista marcada pela defesa à praticidade na aplicação dos conhecimentos. Estuda os textos clássicos, entre eles os trabalhos de Sêneca e Cícero, e recebe as influências dos pensamentos de Agostinho e Aristóteles de quem foi, talvez, o primeiro comentarista dos livros banidos em 1210 na Universidade de Paris, publicando os comentários da *Física*, da *Metafísica* e do *Livro das Causas*. O método de Bacon está fundado na doutrina da Sabedoria como revelação, que se dá na participação da experiência externa por meio da Ciência Experimental, na participação da experiência interna, esta se dando pela iluminação do intelecto por Deus e na verdadeira prática moral que unifica pensamento e ação.

2. A Moral Baconiana

A Filosofia Moral é posta no esquema baconiano num lugar de destaque entre todas as ciências. Mas o que para Bacon justifica a importância da ciência moral? Rogério usa para sua justificativa o pensamento de vários filósofos antigos e reconhece a autoridade de Aristóteles, Avicena e Averróis como principais autores que tratam da moral. Ele entende a Filosofia Moral como formação da alma para a aquisição do saber e da felicidade e para a aspiração da salvação do homem até onde possa a filosofia. Desde que esta salvação é a finalidade interior da sabedoria humana, e sendo a finalidade a parte mais nobre em qualquer coisa, se justifica o lugar da moral como senhora entre os saberes.

A Ciência Moral é uma ciência ativa³, isto é, formativa, pois cabe a ela conduzir as ações do homem relativas às virtudes e vícios e à felicidade e à miséria humanas. Esta ciência que é também chamada Ciência Civil, instrui o homem nas suas relações com Deus, com o seu próximo e com ele mesmo, e, além de revelar essas relações, nos convida a praticá-las.

A superioridade da Filosofia Moral sobre as outras ciências se dá pelo fato de elas, embora sendo ativas e formativas, dizerem respeito às ações da técnica e da natureza, e não às morais, e investigarem as

³ O termo ativo é tomado por Bacon num senso restrito, como aplicado às ações do condutor, de acordo com o fato de ser o homem bom ou mau. "Et hec est inter omnes practica, id est operativa, et de operibus nostris in hac vita et in alia constituta.[...] hec dicitur practica, propter principales operationes hominis, que sunt circa virtutes et vicia et felicitatem et miseriam alterius vite" *Moralis Philosophiae*, pp.3-4. Daqui em diante este trabalho será citado como *M.P.*

verdades das coisas e das atividades científicas que se referem ao intelecto especulativo. Além disso, a Filosofia Moral está diretamente de acordo com as questões da Teologia e contém uma grande quantidade de excelentes testemunhos em relação à fé. Sendo a Teologia a mais nobre ciência, aquela ciência que está mais próxima a ela é mais nobre do que as outras⁴. A Filosofia Moral é o fim de todos os ramos da Filosofia e em todas as ciências podem ser encontrados preceitos morais. Bacon chama a atenção para o fato de que se quisermos usar as ciências com a intenção para a qual elas foram criadas, elas devem ser fundamentadas por preceitos morais. Ele afirma que:

Não foi mero acaso o fato de os filósofos, através da totalidade da filosofia especulativa, terem difundido princípios éticos, pois que eles sabiam que esses princípios se relacionavam à salvação do homem e, portanto, em todas as ciências eles difundiram belos pensamentos, a fim de direcionar os homens para as bênçãos da salvação.⁵

Ainda justificando a posição de destaque que ocupa a ciência moral, Bacon afirma que a moral estabelece obrigações. Em primeiro lugar, nos ensina o que é a verdade nas leis e obrigações da vida; em segundo lugar, nos ensina que elas existem para serem acreditadas e aprovadas e que os homens são questionados em seus atos e sua vida, de acordo com essas leis. Desta primeira obrigação, ou seja, em relação às leis e obrigações da vida, Bacon afirma que ela, assim como nos é apresentada nas Escrituras, aparece em três dimensões: “primeiro vêm naturalmente os deveres do homem para com Deus e em respeito às substâncias angelicais; em seguida, o seu dever para com o próximo; por fim, o seu dever para consigo próprio”⁶.

Pois em primeiro lugar nos livros de Moisés estão os mandamentos e leis referentes a Deus e à divina adoração. Em segundo lugar estão aquelas que dizem respeito às relações do homem com o seu próximo. Em terceiro lugar são dadas instruções morais, como nos livros

⁴ ‘Set theologia est scienciarum nobilissima; ergo illa, que maxime convenit cume a, est nobilior inter ceteras. *M.P.* p.4.

⁵ “Necmirum, si philosophi per totam philosophiam speculativam sparserunt moralia: quia sciverunt ea esse de salute hominis, et ideo in omnibus scienciis sententias pulcras miscuerunt, ut semper homines excitarent ad bonum salutis et ut sciretur ab omnibus, quod non queruntur scientie ceterae, nisi propter istam, que est humane sapientie dominatrix”. *M.P.* p.5.

⁶ “Prima pars dividitur in tres: nam primnaturaliter occurrit ordinatio hominis in Deum et respectu substantiarum angelicarum, secundo ad proximum, tercio ad seipsum.” *M.P.* p.6.

de Salomão. De forma semelhante, no Novo Testamento há somente estes três preceitos. Por isso um homem não pode assumir outros deveres.⁷

Pela prática de uma filosofia moral, e Bacon concebe a moral como ativa, se instalaria a república dos fiéis. Seria utópico o ideal baconiano? Talvez. Mas a construção do novo homem era vista por ele como possível, bastando a humanidade seguir os preceitos apontados na Sagrada Escritura: adoração do homem a Deus, ética nas relações com o próximo e consigo mesmo.

3. A Estrutura da Moral Baconiana

N' *Opus Tertium*, Rogério Bacon explica ao Papa Clemente IV que a sétima parte d' *Opus maius*, Filosofia Moral, apresenta-se dividida em seis partes⁸, as quais ele chama:

- Sobre as verdades teológicas;
- Sobre a observância das leis;
- Sobre a moral humana;
- Sobre a demonstração da verdadeira religião revelada;
- Sobre a busca da eficácia prática da religião demonstrada como verdadeira;
- Sobre as decisões judiciais que visam a obtenção da justiça.

A partir desta divisão, nota-se que Rogério deu à última parte d' *Opus Maius* um recorte teológico, político e ético, ou seja, tratou de questões sobre as relações do homem com Deus, com o próximo e consigo mesmo. E é nesta perspectiva que exporemos a Filosofia Moral baconiana.

3.1. Filosofia Moral e Deus

A primeira dessas partes é chamada por ele de *teológica*, visto que diz respeito aos deveres do homem para com Deus e as substâncias angelicais. Bacon defende a existência de uma estreita relação entre

⁷ "Nam primo in libris Moysi sunt mandata et leges de Deo et cultu divino; secundo de comparatione hominis ad proximum in eisdem libris et sequentibus; tertio docetur de moribus, ut in libris Salomonis. Similiter in novo testamento hec tria tantummodo continentur; nam homo non potest alias recipere comparationes". M.P. p. 6

⁸ "Et hac habet sex parts magnas: prima ordinat hominem ad Deum, secundum quod esse posset philosophiae, et certificat quae potest de Deo, et de Angelis, [...]; nam secunda pars moralis philosophiae dat leges publicas [...]; tertia pars est de virtutum honestate ut amentur [...]; et quarta est de sectarum revolutione, ut una eligatur quae per totum mundam habeat dilatori, et aliae reprobentur [...]; quinta vero pars est de sectae jam persuasae et probatae exhortatione ad implendum in opere et ad nihil faciendum in contrarium". *Opus Tertium*, pp. 48-52.

Metafísica, Filosofia Moral e Teologia. Relação esta que pode ser comprovada se, segundo ele, se pensar que Metafísica e Filosofia Moral, mesmo que por caminhos diferentes – a Metafísica pelo transcendente; a Filosofia Moral, pela ação-, tratem de assuntos relativos a Deus, aos anjos, à vida eterna e questões afins. A Metafísica, através de princípios comuns a todas as ciências, investiga qualidades metafísicas: através do corpóreo investiga o espiritual; através da criatura, descobre o Criador; através da vida presente direciona a vida futura e fornece muitas questões introdutórias à Filosofia Moral.

O pensador não propõe um conflito entre Teologia e Filosofia Moral, já que a Filosofia faz parte da sabedoria de Deus, mas aponta para um confronto entre uma Teologia como fim em si mesma e uma reforma teológica exigida pelo desenrolar dos acontecimentos. A verdade, sendo uma só, é conteúdo idêntico tanto à Filosofia quanto à Teologia, no entanto, a aproximação com a verdade se daria por duas vias: a filosófica e a teológica. A Filosofia não é vista por ele como uma totalidade autosuficiente. Ao contrário, a Filosofia encontra seu fim no serviço que presta ao entendimento da Teologia. Quanto à aproximação da Metafísica com a Teologia, Bacon afirma numa passagem da *Filosofia Moral*, que há vários princípios metafísicos que provam a existência de Deus:

Deus existe e este fato pode ser provado metafisicamente; a existência de Deus é naturalmente conhecida por todo homem; Deus é de infinito poder e infinita bondade e, associado a isto, Ele é de infinita substância e essência, o que segue que Ele é o melhor, o mais sábio e o mais poderoso; Deus é um em essência e não mais que um; Deus não só é um em essência, mas trino de outra forma, o que pode em geral ser explicado pela metafísica; Ele criou todas as coisas e rege o reino da natureza; que além das coisas corpóreas Ele criou as substâncias espirituais as quais nós chamamos inteligências e anjos, porque inteligência é um termo que significa uma natureza, mas anjo é um termo que significa um serviço. Esta ciência também investiga quantas são as atividades dessas inteligências, de acordo com suas relações com a metafísica, até onde é possível para elas serem conhecidas pela inteligência humana; que além dos anjos Ele fez outras substâncias espirituais que são as almas racionais dos homens; que Ele as fez imortais; que a felicidade da outra vida é o mais alto bem; que Deus tem a direção moral da raça humana exatamente como Ele dirige todas as coisas no reino da natureza; que para aqueles que vivem de acordo com o direcionamento de Deus, Ele promete a felicidade futura; que devemos adorar Deus com toda reverência e devoção; que assim como a conduta

do homem em relação a Deus é regulada pela devida reverência, assim é sua conduta em relação ao seu próximo, regulada pela justiça e a paz e seu dever para consigo, pela integridade da vida; que um homem não pode pelos seus próprios esforços saber como agradar a Deus com a devida devoção, nem como se conduzir em relação ao seu próximo e a si mesmo, mas ele precisa de que a verdade dessas coisas seja revelada a ele; que a revelação deve ser feita a apenas um, e este, deve ser mediador de Deus e da humanidade e o vigário de Deus na Terra. Ele é o legislador e o mais alto padre que nas coisas temporais e espirituais tem completo poder como se fosse um Deus humano⁹.

Para Bacon, a Metafísica é capaz de ensinar aceitavelmente que Deus existe, que Ele é naturalmente conhecido, que Ele é de infinito poder, que Ele é um e que é trino. Mas a forma como existe a trindade¹⁰, a

⁹ "Dico igitur quod Deum esse oportet, sicut ibi debet ostendi; et secundo, quod Deum esse naturaliter cognoscitur ab omni homine; et tercio, quod Deum est potentie infinite et bonitatis infinite, et simul cum hoc, quod est essentie et substantie infinite, ut sic sequatur quod sit optimus, sapientissimus et potentissimus; quarto, quod est unus Deus in essentia, et non plures; quinto, quod non solum est unus in essentia, sed alio modo trinus, quod modus in universali methaphisico proferri habet, hic autem in própria disciplina explicandus; sexto, quod omnia creavit et gubernat in esse nature; septimo, quod preter corporalia formavit substantias spirituales, quas vocamus intelligentias et angelos, quia intelligentia est nomen nature, angelus est nomen officii; et quot sunt et que sunt eorum operationes secundum quod ad methaphisicum pertinet, prout possibile est sciri per rationem humanam; octavo quod preter angelos fecit alias substantias spirituales, que sunt anime rationales in hominibus; nono quod fecit eas immortales; et décimo, quod est felicitas alterius vite, id est summumbonum; undécimo, quod homo est capax illius felicitatis; duodécimo, quod genus humanum Deus gubernat in via moris, sicut cetera in esse nature; terciodecimo, quod illis, quid recte vivunt secundum gubernationem Dei, primitit Deus futuram felicitatem, sicut Avicenna docet décimo Methaphisice, et quod male viventibus debeatur infelicitas futura horribilis; quartodecimo, quod Deo cultus cum omni reverentia et devotione dbeat; quintodecimo, quod sicut homo ad Deum naturaliter ordinatur per debitam reverentiam, sic ad proximum per iusticiam et pacem, et ad seipsum per vite honestatem; et sextodecimo, quod non potest homo per propriam industriam sciri qualiter Deo placet cultu debito, nec quomodo ad proximum nec ad se ipsum se habere debeat, sed indiget in hiis revelanda veritate; decimoseptimo, quod uni tantum debet fieri revelatio, quod iste debeat esse mediator Dei et hominum, et vicarius Dei in terra, cui subiciatur totum genus humanum, et cui credere debeat sine contradictione, quando probatum fuerit certitudinaliter quod iste sit talis, ut nunc est assignatum; et iste legis lator et summus sacerdos, qui in spiritualibus et temporalibus habet plenitudinem potestatis, tanquam Deus humanus." *M.P.* pp. 7-8.

¹⁰ Para Rogério Bacon, a trindade já era tratada por Platão, por neoplatônicos e por Aristóteles, como vemos no seguinte trecho da Filosofia Moral: "Segundo Claudius, um dos expositores das Sagradas Escrituras, [...] Platão com louvável ousadia, maravilhoso gênio, imutável propósito, buscou, encontrou e proclamou as três pessoas de Deus. Deus, o Pai,

Metafísica não é capaz de explicar completamente, pois esta é uma verdade que se capta através da revelação mais do que pela razão. Portanto, onde a Metafísica não é capaz de explicar, dá-se a revelação. Ainda segundo Bacon, Avicena explica por que para os filósofos era mais difícil a compreensão da terceira pessoa de Deus: o Espírito Santo. Para eles, a verdade aparece mais claramente em relação ao Pai e ao Filho, porque é mais difícil entender a processão do Espírito Santo a partir de duas pessoas distintas, do que a geração de uma delas a partir da outra. Aquele que foi capaz de adquirir um conhecimento do Espírito Santo, conheceu muito mais sobre as outras pessoas de Deus.¹¹

Rogério explica que aquilo que é criado por Deus deve ser Deus, já que tem a essência natural do Criador, ainda que seja diferente em pessoa. E desde que o que é gerado tem infinito poder e infinita bondade, é capaz de gerar infinita bondade, portanto, é capaz de gerar uma outra pessoa. Então, por isso, o Pai gera a mesma pessoa, sendo, portanto, o Espírito Santo gerado por ambos – Pai e Filho -, pois se ele é gerado só pelo Filho, ele não pertencerá ao Pai, nem existirá uma plena relação entre eles, e não terá completo acordo com as pessoas divinas, o que é contrário à razão. Segundo esta visão, não haverá também igualdade de amor, porque o Pai amará mais o Filho que Ele gerou, do que o Espírito

também a mente paterna, arte ou sabedoria, e o mútuo amor de ambos. [...] Porfírio, como disse Agostinho no décimo livro da Cidade de Deus, capítulo XXIX, defendeu a existência de um Pai e seu Filho, que ele chamou intelecto paterno e mente, e o meio-termo desses, a quem, segundo Agostinho, nós pensamos que ele chamou de Espírito Santo e, segundo seu costume, ele os chamou três deuses, onde, embora ele empregue seus termos livremente, ele já percebia a verdade neles contida. [...] Aristóteles afirma no início do Paraíso e o Mundo que na divina adoração nosso objetivo é exaltar um Deus através do número três, excelência por causa das propriedades das coisas que foram criadas. E portanto já que toda criatura, como é evidente na Metafísica, é um vestígio da Trindade, deve haver uma Trindade no Criador.”. “Nam Claudius, unus de expositoribus Scripture Sacre [...] Plato tres divinitate personas laudabili ausu, mirabili ingenio, immutabile consilio quesivit, invenit, prodidit: Patrem Deum, paternamque mentem, artem, sixe consilium, et utrisque amorem mutuum. [...] Et Porfirius, ut Augustinus dicit libro décimo De civitate Dei, predicavit ‘Patrem et eius Fillium’, quem vocat ‘paternum intellectum et mentem’, et ‘honum medium’, ‘wuem, ut ait Augustinus, putamus ipsum dicere Spiritum Sanctum’, et more nostro quemlibet apelasse Deum; ubi si ‘verbis indisciplinatis’ utatur, videt tamen quid tenendum sit. [...] Et Aristoteles dicit, in principio Celi et mundi quod in cultu divino adhibemus nos magnificare Deum unum per numerum ternarium, eminentem proprietatibus eorum que creata sunt; et ideo, cum omnis cretura, ut ex methaphisicis patet, est vestigium Trinitatis, oportet quod in Creatore si Trinitas”. *M.P.* pp. 10-11.

¹¹ “Et ideo illi, qui potuerunt habere noticiam Spiritus Sancti, longe magis habuerunt de aliis personis.” Cf. *M.P.* p.12.

Santo que Ele não gerou. Portanto, Bacon defende que o Espírito Santo é Deus, porque ele tem a natureza divina, e Deus o amará como ao Filho, com um infinito amor. E desde que o amor do Pai não pode ser menor que um amor infinito, porque seu amor está de acordo com o seu poder, conclui-se que o amor do Pai pelo Espírito Santo será tão grande quanto o do Filho pelo Espírito Santo. Por conseguinte, ambos, o Espírito Santo e o Filho devem ter sido gerados pelo Pai.¹²

A leitura da compreensão da moral segundo antigos filósofos revela que eles ao tratarem de assuntos tais como a mediação dos anjos entre os homens e Deus e a imortalidade da alma, não afirmaram nada indigno ou em desacordo com o Cristianismo. É com este sentimento que Bacon aceita as contribuições dos antigos.

Eu fiz essas afirmações porque outros algumas vezes tentaram obscurecer sentimentos encontrados em livros dos filósofos. Mas nós percebemos com satisfação tal afirmação em testemunho de nossa fé; e é certo que esses homens aprenderam por meio de uma revelação feita a eles e aos sagrados patriarcas e profetas.¹³

Bacon considera que quando se dedicaram à imortalidade da alma, em tratados sobre a moral, Aristóteles, Avicena, Cícero, Marcus Tullius, Sócrates, Platão, Plínio, Varro e Agostinho fizeram afirmações sobre a ressurreição. Bacon justifica a defesa da ressurreição feita pelos filósofos dizendo que eles sabiam que o poder de Deus é infinito e, portanto, Ele pode motivar o mesmo corpo a retornar. E que Aristóteles diz que a vida se forma na morte se uma transformação acontecer à primeira substância. Desde que, portanto, Deus é capaz de motivar essa transformação, como é evidente, a ressurreição pode acontecer.

Se Platão afirma que as almas retornam aos corpos e Varro, que a alma retorna ao mesmo corpo, e se Porfírio, o maior dos filósofos de acordo com Agostinho, afirma que uma alma purificada nunca irá para o mal nem para esse mundo mas para Deus, o Pai, a ressurreição deve assim resultar das afirmações dos filósofos.¹⁴

¹²Cf. *M.P.* p.12

¹³ "Hoc dico, quia alii nituntur aliquando obfuscare sententias catholicas in libris phylosophorum repertas; sed guadenter debemus eas recipere in testimonium nostre fidei; et quia certum est hec habuisse per revelationem factam eis et sanctis patriarchis et phylosophis." *M.P.*, p. 20.

¹⁴ "Si igitur Plato voluit animas redire ad corpora, et Varo as idem corpus, et Porfirius, phylosophorum maximus, secundum Augustinum, vult quod anima purgata nunquam ad

Na medida em que a ressurreição é tratada por eles como o retorno da alma purificada ao seu corpo, a obediência aos mandamentos de Deus é o cultivo das virtudes defendidas por esses filósofos que entendiam ser a virtude pertencente à completa união formada de corpo e alma, ou seja, o homem, como afirma Aristóteles no *De Anima*. Os filósofos, portanto afirmaram que a felicidade pertence à completa união: “eles não afirmaram que o homem é uma alma num corpo, mas na realidade é o composto de alma e corpo, de forma que a essência do homem é formada de alma e corpo”.¹⁵

O que impede o homem de atingir o conhecimento da vida eterna? Para os antigos filósofos, a vida do homem se encontra no limite entre a felicidade da outra vida e a miséria preparada pelo mal. Somos então impedidos de alcançar um conhecimento da vida eterna por causa dos pecados, da atenção ao corpo, dos apelos do mundo sensível, da ausência de revelação. Rogério Bacon diz que Avicena, nos *Fundamentos da Filosofia Moral*, nos compara a um paralítico a quem deliciosas comidas são trazidas mas ele não percebe sua doçura até que seja curado de sua paralisia e sua enfermidade seja removida. Tal é nossa condição a respeito da doçura da vida eterna, por causa dos nossos erros e nossa união com um corpo mortal; pois os pecados afetam o desejo da alma racional, e o peso do corpo a oprime, e a atenção que se concede a este mundo dos sentidos nos faz negligenciar o mundo insensível e espiritual.¹⁶

Os filósofos defenderam que para o conhecimento da felicidade é imprescindível o abandono dos pecados e o desapego das coisas do corpo e do mundo, afim de que o homem esteja pronto para receber a iluminação interna e seja capaz de entender os artigos da verdade e da fé, e receba uma sábia contemplação da felicidade futura. Avicena aponta os passos que podem levar o homem ao conhecimento e deleite da felicidade eterna¹⁷: a purificação da alma; não permitir que os desejos do corpo conduzam a alma; a elevação da alma deste mundo dos sentidos; a

malum nec ad hunc mundum, sed ad Deum patrem itura est, tunc oportet quod ex dictis phylosophorum sequatur resurrectio.” *M.P.*, p. 23.

¹⁵ “Et ideo felicitatem posuerunt coniuncti esse; unde non posuerunt hominem esse animam in corpore, sed vere compositum ex anima et corpore, ita quod sua essentia sit sola anima in corpore”. *M.P.*, p. 23.

¹⁶ Cf. *M.P.*, p. 25.

¹⁷ “Et sunt sunt quatur, scilicet peccatum, occupatio circa corpus et mundis sensibilis amplexus et defectus revelationis: nam revelatio non est in potestate nostra”. *M.P.*, p. 25.

comprovação por meio da revelação daquelas coisas que a mente humana não é capaz de sozinha formar julgamento.

Bacon chama a atenção para a necessidade de estarmos atentos às armadilhas e não sermos aprisionados pelos vícios, pois, “os infiéis depois de suas transgressões serão compelidos a acreditarem não por palavras, mas por exemplos, não por ameaças, mas pelo sofrimento das punições”¹⁸. A eternidade para os maus é uma desvantagem visto que a punição será eterna.

Percebe-se que Rogério Bacon faz uma tentativa de resgatar o pensamento dos filósofos antigos associando os seus preceitos morais aos dogmas cristãos. O que resulta que não é prudente abandonar o que esses filósofos escreveram, seja em grego, hebraico ou árabe, mas, dominando essas línguas, ser capaz de bebendo desta fonte, utilizar seus ensinamentos para o fortalecimento da fé.

3.2. Política e Filosofia Moral

A segunda parte da Filosofia Moral, a que Bacon chama de *política*, trata da orientação do indivíduo e dos povos em relação à observância das leis a fim de ajustar o Estado e regular as relações entre seus membros, “pois o homem é um animal social e isto está de acordo com sua própria natureza”.¹⁹ O homem é testado em relação à sua conduta moral no convívio com outros homens. Pois ele, não se bastando a si mesmo, precisa praticar as leis da convivência, daí ser inato ao homem ter alguma organização social. Rogério diz que, segundo Aristóteles e Averróis, “um eremita, vivendo isolado, não é parte de uma sociedade organizada, não é nem bom nem mau”²⁰. Como defendem os estoicos, os homens foram gerados para benefícios uns dos outros. Enfim, nós não nascemos para nós mesmos.

Sob clara influência platônica, Bacon pensa como o filósofo grego que defende que “um Estado mais justamente organizado é aquele no qual cada cidadão conhece sua própria função”.²¹ A organização do Estado exige o estabelecimento de leis e essas leis devem, em primeiro

¹⁸ “Unde posuerunt quod Deus ‘obedientibus sibi preparavit promissionem felicem, [...] et inobedientibus promissionem terribilem’”. *M.P.*, p. 30.

¹⁹ “Nam homo est animal sociale, et de sua proprietate est”. *M.P.*, p. 45.

²⁰ “[...] vir heremita, quid non est pars civitatis, sed sibi soli vacat, neque est bonus neque malus”. *M.P.*, p. 46.

²¹ “Unde aput Platonem illa civitas iustissime ordinata traditur, in qua quisque proprios nescit affectus”. *M.P.*, p. 40.

lugar, considerar a preservação da espécie humana, para tanto, foi necessário que os legisladores criassem as leis do casamento e determinassem como prejudicial ao Estado a fornicação e a sodomia. Em segundo lugar, as leis são dadas em concordância com as relações existentes entre sujeitos e preladados, senhores e escravos e em observância das diferenças entre todas as classes, segundo uma classificação de Avicena para quem o Estado, através da instituição das leis, deve ser organizado em três partes; aqueles que administram, aqueles que servem e aqueles que são peritos na lei²². São considerados o exílio e a morte para aqueles que, não se submetendo a essas leis, representam risco à harmonia do Estado. Os homens devem ajudar e defender uns aos outros e se unirem contra os inimigos da lei no esforço para subordiná-los.

Estabelecidas as regras dessas relações, o Estado deve se ocupar da captação e aplicação de fundos públicos. A origem desses fundos pode ser encontrada nos contratos entre governos, nas multas, no espólio dos rebeldes. Devem ser aplicados para assegurar aqueles que não têm como se manter: somente velhos e enfermos. A preguiça e a falta de ocupação são condenadas e desencorajadas. Estes fundos devem também se destinar ao sustento de professores da lei e médicos e para usos públicos. As leis devem, por fim, fomentar a boa convivência e a paz entre os cidadãos. Se um Estado tem leis boas e sólidas, o seu modelo deve ser estendido para o mundo inteiro. Nesta afirmação é sugerida para este fim a lei do Cristianismo, ou seja, como preceitos a serem seguidos por todos os governos do mundo.

3.3. A Felicidade e a Moral

A terceira parte trata da *conduta do homem em relação a si mesmo*. Mais uma vez, pode-se perceber a forte influência dos antigos filósofos²³ na sua concepção de moral, principalmente de Aristóteles. A influência da moral aristotélica se traduz no seu entendimento da moral como ciência civil, na medida em que diz respeito à conduta pessoal a fim de que cada homem possa, através do cultivo da virtude e mantendo-se livre dos vícios, viver em sociedade. Ao homem, para Rogério Bacon, é possível, por meio de reconhecimento da graça divina e pela prática

²² Invoca-se aqui o pensamento do Pseudo Dionísio tão divulgado na Idade Média, da classe dos "Oratores,e liboratores".

²³ Para tratar da Ética, Bacon recolhe trechos da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles; das *Cartas a Lucílio*, *De Constantia* e do *De Ira* de Sêneca; dos *Paradoxos*, dos *Tusculanos* e *De Officiis* de Cícero; dos *Fatos e Ditos Memoráveis* e do *Domate Platonis* de Valério Máximo; do *De Deo Socratis* de Apuleio. Cf. ??????????

incansável de bons atos, lapidar seu caráter e tornar-se um homem virtuoso. A este respeito ele cita Sêneca:

Não há nada tão pesado e difícil que a mente humana não possa dominar pela prática constante. [...] Não há nada nos vícios que possamos dizer que não pode ser removido; nós estamos doentes de males curáveis, e a natureza nos ajuda, criados como fomos para a totalidade, se desejarmos a cura, nós avançamos num caminho fácil, uma vez que Deus é nosso auxílio.²⁴

O trabalho constante do homem sobre si mesmo na busca do refinamento moral e na repetição da prática de boas ações deve, segundo Bacon, ter algumas perguntas de partida: Qual de suas faltas você corrigiu hoje? A qual vício você se opôs? Ou ainda: No que você é melhor agora? Este pensamento de Bacon é corroborado por Sêneca para quem as respostas podem surgir por meio de um exercício diário de retrospectiva.

Eu mesmo aproveito essa oportunidade e diariamente [...] examino meu dia inteiro e considero o que eu disse e fiz, não escondo nada de mim mesmo, não deixo passar nada. Pois, por que eu deveria temer meus erros quando eu posso dizer; cuide para não fazer isso novamente, eu lhe perdoou dessa vez.²⁵

Os vícios devem ser assim combatidos constantemente pois eles empurram o homem para o pecado, ou seja, para uma condição fora da ordem da natureza, a exemplo do que acontece com aquele que é dominado pelo apego exagerado às coisas materiais e pelo prazer sexual. O pecado cega e desfigura o homem enfraquecendo sua alma racional e o rebaixando ao nível dos irracionais. Além disso, Bacon afirma:

A filosofia atesta [...] que os homens maus perdem sua identidade, porque a identidade de uma coisa consiste em manter em ordem e preservar sua natureza. Mas o pecado é contrário à ordem da natureza,

²⁴ "Nichil est tam difficile et arduum, quod non humana mens vincat et in familiaritatem perducatur assidua meditatio, nihilque sunt tam feri et sui iuris affectus, ut non disciplina perdorentur. [...] Non est in viciis quod dicas excidi non posse; sanabilibus egrotamus mali, ipsosque nos in rectum genitos natura, si emendari velimus, iuvat. Nec, ut quibusdam visum est arduum in virtutes et asperum iter est: plano Deo invante. *M.P.*, pp. 54-55.

²⁵ "Utor hac potestate et cotidie apud me causam duco. Cum sublatum conspectu lumen est, totum diem mecum iam scrutor, factaque ac dicta mea metior, nichil michi ipse abscondi, nil transeo. Quare enim quicquam ex erroribus meis timeam, cum possim dicere: Vide ne istud amplius facias; nunc tibi ignosco? *M.P.*, pp. 58-59.

portanto, os homens maus deixam de conservar sua identidade. É necessário portanto, retirar da classificação de humanos, aqueles cujas maldades o excluem do status de homem. A conclusão é que você não pode conservar como humano o homem que foi transformado pelos vícios.²⁶

Mas, é possível ao homem se curar de seus vícios? Bacon responde a esta questão a partir de duas passagens do *Tusculanae disputationes* de Cícero. Uma onde ele afirma que a cura dos vícios se dá pelo desenvolvimento de virtudes; outra, segundo o qual o homem que é afetado pelos vícios deve ser tratado de forma a perceber o quanto seus desejos são insignificantes. Este homem deve ser levado a buscar objetivos nos estudos, nos negócios e até em outras regiões que lhe tragam novos ares.²⁷

Bacon traz então uma questão levantada por Sêneca; por que a virtude pode ser ameaçada pelos vícios? Ou, perguntando de outra maneira: Se o mundo é regido pela providência, por que tanto mal acontece aos homens bons? Ele apresenta uma resposta utilizando uma bela passagem de Sêneca na *Carta a Lucílio*:

Deus trata o homem bom como um favorito: ele o tenta, o põe à prova, o prepara para si mesmo. Nenhum mal pode acontecer ao homem bom; opostos não se misturam. Assim como tantas correntes e tão grande quantidade de água da chuva [...] não mudam o gosto do mar, se quer o alteram, da mesma forma o choque da adversidade não perturba o espírito do homem bom. Ele permanece imóvel e dá a cada evento as cores do seu caráter, pois ele é superior a todos os acontecimentos externos. E não digo que ele é insensível a essas coisas, mas ele as domina, e sua calma e plácida natureza é suporte contra todas as adversidades. Ele considera todas as coisas adversas como parte do seu treinamento. A virtude cresce frágil sem um adversário. Os virtuosos são maiores e sua habilidade aparece quando mostram seu poder através de desafios. [...] A questão não é o que você suporta, mas como você suporta.²⁸

²⁶ "Et phylosophia probat [...] quod mali non sunt, quia illud est, quod ordinem retinet servatque naturam; sed peccatum est contra ordinem nature; ergo mali esse desistunt. Et ideo necesse est ut, quos ab humana conditione deicit improbitas, infra hominis meritum detrudat". *M.P.*, p.57

²⁷ Cf. *M.P.*, pp. 67-68.

²⁸ "Bonum virum Deus in deliciis non habet: experitur, indurat, sibi illum preparat. Nichil accidere bono viro mali potest. Non miscentur contraria. Quemadmodum tot amner, tantum superne delectorum ymbrium, tanta saporem maris nec remittunt quidem, ita adversarum

Eis no que consiste a virtude do sábio: ele é de natureza calma e plácida e não se deixa atacar por insultos e injúrias. Ele, o sábio, não pode perder nada pois norteia sua vida pelo equilíbrio e não confiando na fortuna, ele mantém seus bens em segurança. A virtude lhe basta “pois a virtude é livre, inviolável, inatingível e inabalável”²⁹. O que resulta, para Bacon, que o saber é também uma virtude e deve ser cultivado. Este cultivo exige do homem o abandono de falsos saberes, o desapego a falsas autoridades, a pureza da alma e da mente a fim de receber a dádiva da revelação. O verdadeiro saber é capaz de melhorar o homem se este saber for fundamentado em preceitos morais, e estes preceitos estão contidos na Sagrada Escritura, pois esta traz os direcionamentos para a vida do homem nas suas relações com Deus, com o próximo e com ele mesmo.

A busca da felicidade seja no mundo material seja no mundo espiritual, era para Rogério Bacon a finalidade da religião, pois “não há nada na filosofia mais necessário ao homem ou de tamanha grandeza e honra”.³⁰ Deus quer que o homem alcance a felicidade e:

Ele não pode negar à raça humana um conhecimento do caminho da salvação, já que Ele deseja que todo homem se salve. A sua bondade é infinita, por conseguinte, ele tende deixar à humanidade os meios pelos quais eles podem ser iluminados para obterem um conhecimento dos caminhos da verdade. [...] Pois alguns creem que esta felicidade consiste nas delícias do corpo, alguns, nas delícias da alma, e ainda outros, nas delícias de ambos.³¹

impetus rerum viri fortis non verit animum; Manet in statu et, quicquid evenit, in suum colorem trahit; est enim omnibus externis potencior. Nec hoc dico non sentit illa, set vincit et quietus placidusque contra advrsa attollitur. Omnia advrsa exercitacines putat. Marcet sine adversário virtus. Tunc apparet quanta sit quantumque polleat cum quia possit paciência ostendit. Quicquid accidat boni consulant, in bonum verdant. Non quid, set quemadmodum feras, interest”. M.P, pp.103-104.

²⁹ “Libera enim est, inviolabilis, immota, inconcussa”. M.P, p.111.

³⁰ “Nec est aliquid de philosophia ita necessarium homini nec tante utilitatis nec tante dignitatis”. M.P, p.187.

³¹ “Nunquam vero Deus potest denegare humano generi cognicionem vie salutis, cum omnes homines velit salvos fierit.[...] Et sua bonitas infinita est, propter quodo relinquit hominibus semper modos, per quos illuminentur ad cognoscendum viam veritatis.[...] Set, preter hás fines, est allus, scilicet felicitas alterius vite, quam diversi deversimode querunt et intendunt; quia quidam ponunt hanc in deliciis corporis, quidam in deliciis anime, quidam in deliciis utriusque”. M.P pp.188-189.

Tendo apresentado a busca da felicidade como a finalidade da religião, Rogério Bacon chama a atenção para o fato de que a busca da religião capaz de conduzir a humanidade a este fim tem como objetivos: “converter todo o mundo à verdade, fortalecer os homens contra as tentações, transformar o conhecimento imperfeito em conhecimento perfeito da verdade, fortalecer os infiéis com razões de sua fé”.³² Ele então apresenta o Cristianismo como a religião perfeita que deve ser difundida para todos os povos por ser capaz de resistir aos ataques do mal. Mas o que dá aos cristãos esta condição? Para Rogério Bacon, a verdade de sua religião e sua busca de Deus. Mas como provar a verdade da religião? Bacon responde: “Por dois caminhos. Um pelos milagres, mas isto não está no poder do homem. O outro, pela filosofia que é uma revelação geral de Deus a toda a humanidade”³³.

A firmeza do cristão se funda na sua capacidade de entender que o sentido da religião é a dádiva do homem ser iluminado para a compreensão de que a criatura, na sua condição de finitude e limite, deve adorar e fazer a vontade do Criador, em pensamentos e atos, pois “o poder finito não é capaz de criar, porque há uma distância entre não-existência e existência. Portanto a transição da não-existência a existência deve se dar através do poder infinito de um agente. Por conseguinte, a criatura deve reverência ilimitada ao Criador”.³⁴

Considerando o Cristianismo como a religião que sozinha contém a salvação da humanidade, é esta religião que deve ser preferida por apresentar verdades universais referentes a Deus: “Deus é a causa primeira, eterna, tem infinito poder, sabedoria e bondade, é criador e regente de tudo”.³⁵ Deus é um e há uma única raça humana, o que segue que há uma religião revelada. Mas como provar que o Cristianismo é fruto da revelação de Deus? Bacon cita Alfarábi que aponta três caminhos para esta prova:

Um caminho é que o perfeito legislador da religião revelada deve ter a evidência de profetas que o precederam e dos que virão depois dele, e Cristo tem esta evidência. Outro caminho é pelos milagres e o perdão

³² *Opus Tertium*, p. 63. Esta obra de agora em diante será citada como *O.T.*

³³ *O.T.*, p.64.

³⁴ “Ceterum, beneficium creacionis est infinitum in hoc, quod non potest fieri nisi per potentiam infinitam: nulla enim potencia finita potest creare, quia infinita est distancia inter non esse et esse; ergo ad esse sit per infinitam potentiam agenis. Quapropter creatura debet creatori reverenciam infinitam”. M.P., pp.205-206.

³⁵ *O.T.*, p.67.

dos pecados foi o maior de todos os milagres e foi obra de Cristo. O terceiro caminho é que os mais altos ideais morais são encontrados no Cristianismo.³⁶

4. Considerações Finais

Em seus escritos Bacon convocava os mestres para uma reforma que atendesse ao mundo da experiência imediata. A experiência imediata, no entanto, não deve ser compreendida como apelo ao imediatismo dos resultados (como a modernidade fez com a ciência), mas com a presteza na compreensão da natureza e seus fenômenos e no uso dessa ciência respaldado pela consciência ética do indivíduo. O seu programa científico apresentava-se como ato de reforma moral. Pela prática de uma filosofia moral, e Bacon concebe a moral como ativa, se instalaria a república dos fiéis. Seria utópico o ideal baconiano? Talvez. Mas a construção do novo homem era vista por ele como possível bastando a humanidade seguir os preceitos apontados na Sagrada Escritura: adoração do homem a Deus, ética nas relações com o próximo e consigo mesmo. Para Bacon, cada busca pelo conhecimento deveria ser antecedida da questão ética: em que ponto este saber me fará melhor como indivíduo e como parte de uma sociedade?

5. Referências Bibliográficas

BACON, Rogério: *Obras Escolhidas*. Introdução de Jan G. ter Reegen; Tradução de Jan G. ter Reegen, Luís A. De Boni, Orlando A. Bernardi; Revisão de Carlos Arthur R. do Nascimento, Luís A. De Boni, Orlando Bernardi. Porto Alegre: EDIPUCRS, Bragança Paulista: EDUSF: 2006.

BURKE, Robert Belle. *Opus Maius of Roger Bacon*, parts 1 and 2. London: Humphrey Milford Oxford University Press, 1928.

Moralis Philosophia, ed. Eugenio Massa, Zurich: Thesaurus Mundi, 1953.

Opus Tertium, Opus Minus, Compendium Philosophiae. London: edited by J.S. Brewer, 1859.

**Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Professor emérito da UECE, Professor da Faculdade Católica de Fortaleza e do Mestrado Acadêmico de Filosofia da UECE. Doutor em Filosofia Medieval pela PUCRS e LD em Filosofia Antiga pela UECE

**Prof. Ms. Raphaela Cândido Lacerda*

Professora da Faculdade Católica de Fortaleza. Mestre em Filosofia pela UECE.

³⁶ O.T, pp.73-4.